

**MINISTÉRIO DA CULTURA**  
**Fundação Biblioteca Nacional**  
*Departamento Nacional do Livro*

**POEMAS HUMORÍSTICOS E IRÔNICOS DE CRUZ E SOUSA**  
*CRUZ E SOUSA*

**PARANAGUADAS**

Que importa que tu fales  
Que importa que tu files  
Que importa que não cales,  
Que importa que tu fales  
Que importa que te rales,  
Que importa-me essa bÍlis  
Que importa que tu fales  
Que importa que tu files.

**QUESTÃO BROCARDO**

— Pife, pufe, pafe, pefe  
Pafe, pefe, pife, pufe —  
A cacholeta no chefe —  
— Pife, pufe, pafe, pefe  
Estoure como um tabefe  
E o ventre de raiva entufe —  
— Pife, pufe, pafe, pefe  
Pafe, pefe, pife, pufe!

**SEMPRE**

Se é certo que o amor é um bem profundo  
Se é certo que o amor é um sol ardente,

Eu hei de amar-te sempre neste mundo  
E sempre, sempre, sempre — eternamente.

### BEIJOS

Nesta Tebaida infinita  
Da vida, na sombra oculto,  
Eu gosto de olhar o vulto  
De uma criança bonita.

Porque afinal as crianças,  
Como eu deslumbro-me ao vê-las,  
Cintilam como as estrelas,  
Florescem como esperanças.

Dentro de mim se projeta  
A luz cambiante dos prismas  
E batem asas as cismas  
Qual passarada irrequieta.

E batem asas e ruflam,  
Pelas artísticas plagas,  
As auras que as grandes vagas  
Dos fundos mares insuflam.

E digo, ó mães, se uma aurora  
Fosse a minh'alma sincera,  
Os clarões todos eu dera  
A uma criança que chora.

Porque se a luz fortalece  
Arbustos e as andorinhas,  
Também por certo às criancinhas  
Conforta, avigora, aquece.

E eu que aplaudo e que rimo  
Tudo isso que à luz se regre,  
Na vibração mais alegre  
As criancinhas estimo.

Portanto, assim, sem refolhos  
Beijando a Olga, beijando  
Meus sonhos vão, irradiando,  
Se derramar em seus olhos!

### QUESTÃO BROCARDO

Triolé fura essa pança  
Do Delegado — és um russo,  
Revolução n'esta dança...  
Triolé fura essa pança,  
Fura, fura como a lança  
Ou como no boi um chuço;  
Triolé fura essa panca  
Do Delegado — és um russo.

### [PINTO, PINTA — PONTA À PONTA]

Pinto, pinta — ponta à ponta  
Tanta ponta, Pinto pinta  
Que pinta se pinta a pinta  
Pinto — pinta — ponta à ponta.  
Pinto é ponto mas não ponta  
Mas se pinta por um pinto  
E já que o Pinto se pinta  
Eu pinto-lhe a pinta ao Pinto.

### PIRUETAS

Finou-se um tal inglês  
Gastrônomo e patife  
Que tanto — de uma vez  
Comeu, comeu e esparramou-se em bife;  
Que um dia de jejum,  
Pela pança rotunda e quixotesca,  
Teve um parto... comum,  
Um feto original... de carne fresca.

### AS DEVOTAS

*I*

Enquanto o sino bimbalha,  
Bimbalha, bimbalha e tine,  
Lançai do olhar a migalha  
— Enquanto o sino bimbalha —  
    À raça que se amortalha  
No horror que não se define...  
Enquanto o sino bimbalha  
Bimbalha, bimbalha e tine.

*II*

Perto da Igreja a senzala,  
O Cristo junto aos escravos  
    E, pois, deveis visitá-la,  
Perto da Igreja, a senzala  
    E procurar transformá-la  
Da luz às palmas, aos bravos!...  
    Perto da Igreja a senzala,  
O Cristo junto aos escravos.

*III*

E tão-somente por isto  
Enquanto o sino bimbalha,  
Bem antes de terdes visto  
— E tão-somente por isto —  
Todo o martírio do Cristo,  
O vosso amor que lhes valha,  
    E tão-somente por isto,  
Enquanto o sino bimbalha.

**[DE CLAQUE, CASACA E LUVA]**

De claque, casaca e luva,  
De luva, casaca e claque  
    Ao *rendezvous* da viúva,  
De claque, casaca e luva,  
Tu vais — arrostas a chuva  
No *macadam* — plaque, plaque...  
    De claque, casaca e luva,  
    De luva, casaca e claque.

**[MEUS ESPLÊNDIDOS DESEJOS]**

Meus esplêndidos desejos  
Emigram, como beijos,  
Pelo azul espaço, em curvas,  
Rasgando essas brumas turvas;  
Pelo sol das primaveras,  
Batendo as asas brancas,  
Como, batem, quimeras...  
.....  
Voai, andorinhas francas!

**[NUNCA SE CALA O CALLADO]**

Nunca se cala o Callado  
E sempre o Callado, fala  
Callado que não se cala,  
Nunca se cala o Callado,  
Callado sem ser calado,  
Callado que é tão falado...  
Nunca se cala o Callado  
E sempre o Callado, fala.

**[ESTOURE COMO O CHAMPAGNE]**

Estoure como o *champagne*  
O triolé — pule e salte  
E como os gatos arranhe,  
Estoure como o *champagne*  
E a cara dos erros lanhe  
E como o sol nunca falte...  
Estoure como o *champagne*  
O triolé — pule e salte.

**[PARECE UM CÉU ESTRELADO]**

Parece um céu estrelado  
Esta vida de nós dois  
Depois d'aquele passado...  
Parece um céu estrelado

Largo, puro, undiflavado  
Depois do pesar, depois,  
Parece um céu estrelado  
Esta vida de nós dois.

**[LEVANTEM ESTA BANDEIRA]**

Levantem esta bandeira  
Da posição de farrapo;  
Da terra azul brasileira  
Levantem esta bandeira  
Que sente o horror da esterqueira  
Da escravidão — negro sapo.  
Levantem esta bandeira  
Da posição de farrapo.

**OLHARES**

Teus traquinantes olhinhos  
Continhas, Ziza, parecem;  
Zigzagam sempre, tontinhos  
Teus traquinantes olhinhos;  
Tão pretos, tão redondinhos  
Olhinhos que me embevecem,  
Teus traquinantes olhinhos  
Continhas, Ziza, parecem.

**[NAS EXPLOSÕES DE BONS RISOS]**

Nas explosões de bons risos  
Os triolés petulantes  
Chocalhem, tinam, precisos  
Nas explosões de bons risos,  
Tilintem como mil guisos  
Sonoros, raros, vibrantes  
Nas explosões de bons risos,  
Os triolés petulantes.

## [PRESO AO TRAPÉZIO DA RIMA]

Preso ao trapézio da rima  
Triolé — pega estes zotes  
E dá-lhes de baixo acima  
Preso ao trapézio da rima  
Na mais artística esgrima  
D'estouros e piparotes,  
Preso, ao trapézio da rima  
Triolé — pega estes zotes.

### GRITO DE GUERRA

*Aos senhores que libertam escravos*

Bem! A palavra dentro em vós escrita  
Em colossais e rubros caracteres,  
É valorosa, pródiga, infinita,  
Tem proporções de claros rosicleres.

Como uma chuva olímpica de estrelas  
Todas as vidas livres, fulguosas,  
Resplandecendo, — vós tereis de vê-las  
Rolar, rolar nas vastidões gloriosas.

Basta do escravo, ao suplicante rogo,  
Subindo acima das etéreas gazas,  
Do sol da idéia no escaldante fogo,  
Queimar, queimar as rutilantes asas.

Queimar nas chamas luminosas, francas  
Embora o grito da matéria apague-as;  
Porque afinal as consciências brancas  
São imponentes como as grandes águias.

Basta na forja, no arsenal da idéia,  
Fundir a idéia que mais bela achardes,  
Como uma enorme e fúlgida Odisséia  
Da humanidade aos imortais alardes.

Quem como vós principiou na festa  
Da liberdade vitoriosa e grande,  
Há de sentir no coração a orquestra  
Do amor que como um bom luar se expande.

Vamos! São horas de rasgar das fronteiras  
Os véus sangrentos das fatais desgraças  
E encher da luz dos vastos horizontes  
Todos os tristes corações das raças...

A mocidade é uma falena de ouro,  
Dela é que irrompe o sol do bem mais puro:  
Vamos! Erguei vosso ideal tão louro  
Para remir o universal futuro...

O pensamento é como o mar — rebenta,  
Ferve, combate — herculeamente enorme  
E como o mar na maior febre aumenta,  
Trabalha, luta com furor — não dorme.

Abri portanto a agigantada leiva,  
Quebrando a fundo os espectrais embargos,  
Pois que entrareis, numa explosão de seiva,  
Muito melhor nos panteões mais largos.

Vão desfilando como azuis coortes  
De aves alegres nas esferas calmas,  
Na atmosfera espiritual dos fortes,  
Os aguerridos batalhões das almas.

Quem vai da sombra para a luz partindo  
Quanta amargura foi talvez deixando  
Pelas estradas da existência — rindo  
Fora — mas dentro, que ilusões chorando.

Da treva o escuro e aprofundado abismo  
Enchei, fartai de essenciais auroras,  
E o americano e fértil organismo  
De retumbantes vibrações sonoras.

Fecundos germens racionais produzam  
Nessas cabeças, claridões de maios...  
Cruzem-se em vós — como também se cruzam  
Raios e raios na amplidão dos raios.

Os britadores sociais e rudes  
Da luz vital às bélicas trombetas,  
Hão de formar de todas as virtudes  
As seculares, brônzeas picaretas.

Para que o mal nos antros se contorça  
Ante o pensar que o sangue vos abala,



Para subir — é necessário — é força  
Descer primeiro a noite da senzala.

**[DA LUA AOS RAIOS PRATEADOS]**

Da Lua aos raios prateados  
Que no horizonte se espargem,  
Como fulguram os prados  
Da lua aos raios prateados,  
Há vagos silfos alados  
Do rio azul pela margem  
Da lua aos raios prateados  
Que no horizonte se espargem.

**[TEUS OLHOS BELOS POR DENTRO]**

Teus olhos belos por dentro  
De grandes colorações,  
Parecem ter pelo centro  
Teus olhos belos por dentro  
A luz vital onde eu entro  
E saio imerso em clarões...  
Teus olhos belos, por dentro  
De grandes colorações.

**[TEUS OLHOS — ESSES CARINHOS]**

Teus olhos — esses carinhos,  
Esse casal de ilusões  
Tão doces como os arminhos,  
Teus olhos — esses carinhos  
Parecem ser os dois ninhos  
Das minhas consolações,  
Teus olhos — esses carinhos  
Esse casal de ilusões!...

**[ENQUANTO ESTE SANGUE FERVE]**

Enquanto este sangue ferve  
Com força, com toda a força,  
Palpite a fibra da verve  
Enquanto este sangue ferve  
Esmague-se o que não serve  
Na treva o Mal se contorça,  
Enquanto este sangue ferve,  
Com força, com toda a força.

**[MERECE O BOM DO VIDAL]**

Merece o bom do Vidal  
Que é mesmo um Joca de truz,  
Ter também com o seu Fiscal,  
Merece o bom do Vidal  
Um banquete bambual,  
De cem milhões de bambus  
Merece o bom do Vidal  
Que é mesmo um Joca de truz!

**[QUANDO ELA ESTÁ DE COLETE]**

Quando ela está de colete,  
Espartilhada, irradiante  
Vestida de azul-ferrete  
Quando ela está de colete  
Em mim cruzando o florete  
Do seu olhar — que elegante  
Quando ela está de colete,  
Espartilhada, irradiante.

**[SE ESTALA A ESTROFE DE FOGO]**

Se estala a estrofe de fogo,  
Se explode a estrofe do Bem,  
Como o verbo demagogo  
Se estala a estrofe de fogo,

Não ceda o espírito ao rogo  
Do Mal que os erros contêm,  
Se estala a estrofe de fogo,  
Se explode a estrofe do Bem!

**[EMBORA EU NÃO TENHA LOUROS]**

Embora eu não tenha louros  
Como esses grandes heróis  
E nem da idéia os tesouros,  
Embora eu não tenha louros,  
Talvez nos tempos vindouros  
Traduza o poema dos sóis,  
Embora eu não tenha louros  
Como esses grandes heróis.

**[AOS RELÂMPAGOS SULFÚREOS]**

Aos relâmpagos sulfúreos  
Na esfera zigue-zagando  
Como esses pobres tugúrios,  
Aos relâmpagos sulfúreos  
Se douram, brilham purpúreos  
Fulguram de quando em quando,  
Aos relâmpagos sulfúreos  
Na esfera zigue-zagando.

**[À SOMBRA ESPESSA DE UM ÁLAMO]**

À sombra espessa de um álamo  
Quando nasceu-me a paixão,  
Crescendo aos beijos do tálamo  
À sombra espessa de um álamo  
Que de harpas senti, que cálamo  
Por dentro do coração  
À sombra espessa de um álamo  
Quando nasceu-me a paixão.

**[QUANDO ESTÁS DE LAÇAROTES]**

Quando estás de laçarotes  
E de plissês e fichus,  
De rendas e de decotes,  
Quando estás de laçarotes,  
Toilette de chamalotes,  
Quanto esplendor, quanta luz,  
Quando estás de laçarotes  
E de plissês e fichus.

**[DA IDÉIA NOS MARES JÔNIOS]**

Da idéia nos mares jônios  
A barca das tuas cismas  
Soprada por bons favônios  
Da idéia nos mares jônios,  
Vai livre dos maus demônios,  
Batida da luz dos prismas,  
Da idéia nos mares jônios  
A barca das tuas cismas.

**[ASSOMBRO DE ASSOMBROS]**

Como um assombro de assombros  
A rapariga — um rainúnculo,  
Da serra pelos escombros  
Como um assombro de assombros,  
Quando vê de enxada aos ombros  
O noivo — lembra um carbúnculo,  
Como um assombro de assombros  
A rapariga — um rainúnculo.

**[COMO FORTES GARGALHADAS]**

Como fortes gargalhadas  
Por um templo de cristal,

Sonoramente vibradas,  
Como fortes gargalhadas,  
Sinto idéias baralhadas  
N'um frágil descomunal  
Como fortes gargalhadas  
Por um templo de cristal.

**"DIATRIBE"**

Dois zoilos mui completos deste mundo,  
Dois zoilos há terríveis e zelosos,  
Que estando sem fazer, mui ociosos  
Só tratam dum falar nauseabundo.

Eu sei mui bem seus nomes — não confundo  
Com esses bem sensatos, talentosos,  
Com esses lidadores mui briosos  
Que têm estudo imenso e bem profundo!

Mas ah! pra que tempo hei-de gastar  
Com quem só vive imerso na caligem  
D'inveja torpe e vil a esbravejar!

Isto, meus amigos, é impigem  
Que quanto se procura mais coçar  
Tanto e tanto mais só dá prurigem!

**[DA BRUMA PELOS PAÍSES]**

Da bruma pelos países  
Pelos países da bruma,  
Longe dos astros felizes,  
Da bruma pelos países,  
Tu vais perdendo os matizes  
Da luz e da glória em suma,  
Da bruma pelos países,  
Pelos países da bruma.

## ESCRAVOCRATAS

Oh! Trânsfugas do bem que sob o manto régio  
Manhosos, agachados — bem como um crocodilo,  
Viveis sensualmente à *luz* dum privilégio  
Na *pose* bestial dum cágado tranqüilo.

Eu rio-me de vós e cravo-vos as setas  
Ardentes do olhar — formando uma vergasta  
Dos raios mil do sol, das iras dos poetas,  
E vibro-vos à espinha — enquanto o grande basta

O basta gigantesco, imenso, extraordinário —  
Da branca consciência — o rútilo sacrário  
No tímpano do ouvido — audaz me não soar.

Eu quero em rude verso altivo adamastórico,  
Vermelho, colossal, d'estrépito, gongórico,  
Castrar-vos como um touro — ouvindo-vos urrar!

## DA SENZALA...

De dentro da senzala escura e lamacenta  
Aonde o infeliz  
De lágrimas em fel, de ódio se alimenta  
Tornando meretriz

A alma que ele tinha, ovante, imaculada  
Alegre e sem rancor;  
Porém que foi aos poucos sendo transformada  
Aos vivos do estertor...

De dentro da senzala  
Aonde o crime é rei, e a dor — crânios abala  
Em ímpeto ferino;

Não pode sair, não,  
Um homem de trabalho, um senso, uma razão...  
e sim, um assassino!

## DILEMA

*Ao cons. Luís Álvares dos Santos*

Vai-se acentuando,  
Senhores da justiça — heróis da humanidade,  
O verbo tricolor da confraternidade...  
E quando, em breve, quando

Raiar o grande dia  
Dos largos arrebóis — batendo o preconceito...  
O dia da razão, da luz e do direito  
— Solene trilogia —

Quando a escravatura  
Surgir da negra treva — em ondas singulares  
De luz serena e pura;

Quando um poder novo  
Nas almas derramar os místicos luares,  
Então seremos povo!

## À REVOLTA

*A Cassiano César*

O século é de revolta — do alto transformismo,  
De Darwin, de Littré, de Spencer, de Laffite —  
Quem fala, quem dá leis é o rubro niilismo  
Que traz como divisa a bala-dinamite!...

Se é força, se é preciso erguer-se um evangelho,  
Mais reto, que instrua — estético — mais novo  
Esmaguem-se do trono os dogmas de um Velho  
E lance-se outro sangue aos músculos do povo!...

O vício azinhavrado e os cérebros raquíticos,  
É pô-los ao olhar dos sérios analíticos,  
Na ampla, social e esplêndida vitrine!...

À frente!... — Trabalhar à luz da idéia nova!...  
— Pois bem! Seja a idéia, quem lance o vício à cova,  
— Pois bem! — Seja a idéia, quem gere e quem fulmine!...

### ESCÁRNIO PERFUMADO

Quando no enleio  
De receber umas notícias tuas,  
Vou-me ao correio,  
Que é lá no fim da mais cruel das ruas,

Vendo tão fartas,  
D'uma fartura que ninguém colige,  
As mãos dos outros, de jornais e cartas  
E as minhas, nuas — isso dói, me aflige...

E em tom de mofa,  
Julgo que tudo me escarnece, apoda,  
Ri, me apostrofa,

Pois fico só e cabisbaixo, inerme,  
A noite andar-me na cabeça, em roda,  
Mais humilhado que um mendigo, um verme...

### DECADENTES

Richepin, Rollinat! gritos sangrentos  
Da carne alvoroçada de desejos,  
Mosto de risos, lágrimas e beijos,  
Estertores de abutres famulentos.

Desesperado frêmito dos ventos,  
De harpas, sutis, fantásticos harpejos,  
Clarins de guerra, e cânticos e adejos  
De aves — todos os vivos elementos.

Tudo flameja e nas estrofes canta,  
Estruge, zune, em borbotões levanta  
Noites, luares, fulgurantes dias.

Mas nessa ideal temperatura forte  
Tudo isso é triste como a flor da morte  
Que brota dentro das caveiras frias...

### DOENTE



As unhas perigosas da bronquite  
Nas tuas carnes sensuais e moles  
Não deixarão que o teu amor palpíte  
Nem que os olhares pelos astros roles.

É fatal a moléstia. Só permite  
Que te acabes por fim e que te estioles,  
Sem que em teu peito o coração se agite,  
Sem que te animes, sem que te consoles.

Vai se extinguindo a polpa dessas faces...  
Mas se ainda hoje em mim acreditasses,  
Como no tempo virginal de outrora,

Tu curar-te-ias com pequeno esforço  
Das serranias através do dorso,  
Pela saúde dos vergéis afora.

#### CRIANÇAS NEGRAS

Em cada verso um coração pulsando,  
Sóis flamejando em cada verso, e a rima  
Cheia de pássaros azuis cantando,  
Desenrolada como um céu por cima.

Trompas sonoras de tritões marinhos  
Das ondas glaucas na amplidão sopradas  
E a rumorosa música dos ninhos  
Nos damascos reais das alvoradas.

Fulvos leões do altivo pensamento  
Galgando da era a soberana rocha,  
No espaço o outro leão do sol sangrento  
Que como um cardo em fogo desabrocha.

A canção de cristal dos grandes rios  
Sonorizando os florestais profundos,  
A terra com seus cânticos sombrios,  
O firmamento gerador de mundos.

Tudo, como panóplia sempre cheia  
Das espadas dos aços rutilantes,  
Eu quisera trazer preso à cadeia  
De serenas estrofes triunfantes.

Preso à cadeia das estrofes que amam,  
Que choram lágrimas de amor por tudo,  
Que, como estrelas, vagas se derramam  
Num sentimento doloroso e mudo.

Preso à cadeia das estrofes quentes  
Como uma forja em labareda acesa,  
Para cantar as épicas, frementes  
Tragédias colossais da Natureza.

Para cantar a angústia das crianças!  
Não das crianças de cor de oiro e rosa,  
Mas dessas que o vergel das esperanças  
Viram secar, na idade luminosa.

Das crianças que vêm da negra noite,  
Dum leite de venenos e de treva,  
Dentre os dantescos círculos do açoite,  
Filhas malditas da desgraça de Eva.

E que ouvem pelos séculos afora  
O carrilhão da morte que regela,  
A ironia das aves rindo a aurora  
E a boca aberta em uivos da procela.

Das crianças vergôntes dos escravos  
Desamparadas, sobre o caos, à toa  
E a cujo pranto, de mil peitos bravos,  
A harpa das emoções palpita e soa.

Ó bronze feito carne e nervos, dentro  
Do peito, como em jaulas soberanas,  
Ó coração! és o supremo centro  
Das avalanches das paixões humanas.

Como um clarim a gargalhada vibra,  
Vibra também eternamente o pranto  
E dentre o riso e o pranto te equilibras  
De forma tal que a tudo dás encanto.

És tu que à piedade vens descendo.  
Como quem desce do alto das estrelas  
E a púrpura do amor vais estendendo  
Sobre as crianças, para protegê-las.

És tu que cresces como o oceano, e cresces  
Até encher a curva dos espaços  
E que lá, coração, lá resplandeces

E todo te abres em maternos braços.

Te abres em largos braços protetores,  
Em braços de carinho que as amparam,  
A elas, crianças, tenebrosas flores,  
Tórridas urzes que petrificaram.

As pequeninas, tristes criaturas  
Ei-las, caminham por desertos vagos,  
Sob o agulhão de todas as torturas,  
Na sede atroz de todos os afagos.

Vai, coração! na imensa cordilheira  
Da Dor, florindo como um loiro fruto  
Partindo toda a horrível gargalheira  
Da chorosa falange cor do luto.

As crianças negras, vermes da matéria,  
Colhidas do suplício a estranha rede,  
Arranca-as do presídio da miséria  
E com teu sangue mata-lhes a sede!

#### VELHO VENTO

Velho vento vagabundo!  
No teu rosar sonolento  
Leva ao longe este lamento,  
Além do escárnio do mundo.

Tu que erras dos campanários  
Nas grandes torres tristonhas  
E és o fantasma que sonhas  
Pelos bosques solitários.

Tu que vens lá de tão longe  
Com o teu bordão das jornadas  
Rezando pelas estradas  
Sombrias rezas de monge.

Tu que soltas pesadelos  
Nos campos e nas florestas  
E fazes, por noites mestas,  
Arrepiar os cabelos.

Tu que contas velhas lendas

Nas harpas da tempestade,  
Viajas na Imensidade,  
Caminhas todas as sendas.

Tu que sabes mil segredos,  
Mistérios negros, atrozes  
E formas as dúbias vozes  
Dos soturnos arvoredos.

Que tornas o mar sanhudo,  
Implacável, formidando,  
As brutas trompas soprando  
Sob um céu trevoso e mudo.

Que penetras velhas portas,  
Atravessando por frinchas...  
E sopras, zargunchas, guinchas  
Nas ermas aldeias mortas.

Que ao luar, pelos engenhos,  
Nos miseráveis casebres  
Espalhas frios e febres  
Com teus aspectos ferrenhos.

Que soluças nos zimbórios  
Os teus felinos queixumes,  
Uivando nos altos cumes  
Dos montes verdes e flóreos.

Que te desprendes no espaço  
Perdido no estranho rumo  
Por entre visões de fumo,  
Das estrelas no regaço.

Que de Réquiens e surdinas  
E de hieróglifos secretos  
Enches os lagos quietos  
Revestidos de neblinas.

Que ruges, brames, trovejas  
Ó velho vândalo amargo,  
No sonâmbulo letargo  
De um mocho rondando igrejas.

Que falas também baixinho  
Lá da origem do mistério,  
Trazendo o augúrio sidéreo  
E certa voz de carinho...

Que nas ruas mais escusas,  
Por tardes de nuvens feias,  
Como um ébrio cambaleias  
Rosnando pragas confusas.

Que és o boêmio maldito,  
O renegado boêmio,  
Em tudo o turvo irmão gêmeo  
Do sonhador Infinito.

Que és como louco das praças  
Nos seus gritos delirantes  
Clamando a pulmões possantes  
Todo o Inferno das desgraças.

Que lembras dragões convulsos,  
Bufantes, aéreos, soltos,  
Noctambulando revoltos  
Mordendo as caudas e os pulsos.

Ó velho vento saudoso,  
Velho vento compassivo,  
Ó ser vulcânico e vivo,  
Taciturno e tormentoso!

Alma de ânsias e de brados,  
Consolador companheiro  
Sinistro deus forasteiro  
D'espacos ilimitados!

Tu que andas, além, perdido,  
Tateando na esfera imensa  
Como um cego de nascença  
Nos desertos esquecido...

Que gozas toda a paragem,  
Toda a região mais diversa,  
Levando sempre dispersa  
A tua queixa selvagem.

Que no trágico abandono,  
No tédio das grandes horas  
Desoladamente choras,  
Sem fadigas e sem sono.

Que lembras nos teus clamores,  
Nas fúrias negras, dantescas,

Torturas medievalescas  
Dos ímpios inquisidores.

Que és sempre a ronda das casas,  
A gemente sentinela  
Que tudo desgrenha e gela  
Com o torvo rumor das asas.

Que pareces hordas e hordas  
De hirsutos, intonsos bardos  
Vibrando cânticos tardos  
Por liras de cem mil cordas.

Ó vento lânguido e vago,  
Ó fantasista das brumas,  
Sopro equóreo das espumas,  
Ó dá-me o teu grande afago!

Que a tua sombra me envolva  
Que o teu vulto me console  
E o meu Sentimento role  
E nos astros se dissolva...

Que eu me liberte das ânsias  
De ansiedades me liberte,  
Pairando no espasmo inerte  
Das mais longínquas distâncias.

Eu quero perder-me a fundo  
No teu segredo nevoento,  
Ó velho e velado vento,  
Velho vento vagabundo!

**SAPO HUMANO**  
*A Emiliano Pernetá*

Oh sapo! eu vou cantar tuas misérias, sapo,  
Vou tirar, nesse lodo onde habitas de rastros,  
Umhas vivas canções do teu nojento papo,  
Da crosta esverdeada umas centelhas de astros.

E canções de tal forma e tais e tais centelhas,  
Que todas possam ir, miraculosamente,  
Transformadas, pelo ar, em rútilas abelhas  
Com o íris voador de cada asa fulgente.

Que tu, tredo animal, tu, triste sapo hediondo,  
Não és o vil, o torpe, o irracional, que a lama  
Em camadas envolve o atro ventre redondo,  
Dos tempos imortais nessa fecunda chama.

Não és o sapo histrião de imundas esterqueiras,  
O sombrio Caim nos lamaçais errantes,  
O *clown* gargalhador das charnecas rasteiras,  
Que ri-se para o sol com riso ironizante.

Não és o sapo atroz, coaxador, visguento,  
Que rouco ruge e raiva à noite os seus horrores,  
E para o constelado e mudo firmamento  
Faz ecoar os mais surdos e ásperos tambores.

Mas és o sapo humano, esse asqueroso e feio,  
Nascido de roldão na lúgubre miséria  
E que do mundo vão no pavoroso seio  
Lembra o negro sarcasmo enorme da Matéria.

Mas és o sapo humano, o sapo mais abjeto  
Do crime aterrador, do tenebroso vício,  
Mas que ainda possuis o brilho de um afeto  
Que te livra, talvez, do eterno precipício.

Por ora na tua alma a noite cruel, cerrada,  
Não caiu de uma vez, como terrível fora;  
Nela ainda há clarões de límpida alvorada,  
Um prenúncio feliz de aurora redentora.

Ainda tens coração que pulsa no teu peito  
Por uns filhos gentis, ingênuos, pequeninos,  
Que são o grande amor, o sentimento eleito  
Vencendo esses fatais instintos assassinos.

Tu semelhas de um charco a superfície nua  
E vítrea, que no campo, aos ares, adormece,  
Que se em cheio lhe bate a luz do sol, da lua,  
Para a vasta amplidão cintila e resplandece.

Pois no teu organismo, assim sinistro e torvo,  
Repleto de vibrações do vício — essas crianças,  
Sorriem virginais, oh! solitário corvo,  
Com sorrisos de luzes e barcarolas mansas.

O amor que regenera os ínfimos bandidos,  
Não reduziu, enfim, tu'alma a ignóbil trapo.

E eis por que, num viver de pântano e gemidos,  
Cantam dentro de ti aves e estrelas, sapo!

### MARCHE AUX FLAMBEAUX

#### *I*

Rompe na aurora o sol que a terra esbofeteia  
Com látegos de chama, iriando o pó e a areia,  
Iriando os vegetais de ricas pedrarias,  
Dos rubis e cristais das ourivesarias;  
Aurora acesa em cor de púrpura de cravos  
Opulentos, febris, ensanguinados, bravos;  
De ritmos leves de harpa e frêmitos e beijos  
Que são da natureza os trêmulos arpejos;  
Aurora que sorri, que traz pomposamente  
Todo o raro esplendor da luz resplandecente,  
Das paisagens louçãs no fúlgido matiz  
O aroma a derramar da meiga flor de lis.  
Na alegria dos tons os pássaros cantando  
Vão as asas abrindo, entre os clarões rufando,  
Asas emocionais, que assim dentre clarões  
Palpitam num fervor de alados corações.

E no luxo oriental de etéreo Grão-Mogol  
Como um Baco feliz rubro flameja o sol.

#### *II*

Filósofos titãs, filósofos insanos  
Que destes turbilhões, que destes oceanos  
De lutas e paixões, de sonho e pensamentos  
Espalhastes no mundo aos clamorosos ventos  
A Ciência fatal, talvez como um veneno,  
Que os tempos abalou no caminhar sereno;  
Filósofos titãs, que os séculos austeros  
No flanco da Matéria abris, graves, severos,  
Sobre o escombro da fé, da crença e da esperança,  
Da civilização o trilho que hoje alcança  
No seu aço viril as regiões supremas,  
Traçado em novas leis, doutrinas e problemas;  
Vós que sois no Saber os monges da existência  
E só acreditais na força da Ciência,  
Que da morte sabeis os filtros invisíveis,  
Narcóticos, sutis, incógnitos, terríveis,  
Não sabeis, entretanto, apóstolos sombrios,  
Como à luz da Ciência os homens estão frios,



Como tudo ficou num doloroso caos  
E os seres que eram bons, rudes, egoístas, maus.  
Em vão! em vão! em vão! os vossos largos crânios  
Lutaram pelo Bem dos Bens contemporâneos!  
Tudo está corrompido e até mais imperfeito...  
Não há um lírio são a florescer num peito,  
De piedade, de amor e de misericórdia...  
Se brota uma virtude o ascoso vício morde-a,  
Envilece, corrompe e abate essa virtude  
Com o cinismo revel dum epigrama rude...  
E até muita alma vil, feroz, patibular,  
Impunemente sobe ao mais sagrado altar.

Por isso vão passar perante a turbamulta  
Como abrupta avalanche, enorme catapulta,  
Numa *marche aux flambeaux*, os famulentos vícios  
Que cavaram no globo horrendos precipícios,  
Os vícios imortais, que infestam tribos, greis,  
Povos e gerações, seitas, templos e reis  
E que são como a lava obscura da cratera  
Que subterraneamente em tudo se invetera.

Com toda intrepidez hercúlea de acrobata  
Vou sobre eles soltar, gloriosa, intemerata,  
A sátira que tem esporas de galhardo  
Cavaleiro ideal que joga a lança e o dardo.  
Vou com esse altanado e muscular esforço  
De quem galga triunfal o soberano dorso,  
A crista vigorosa, ativa, sobranceira,  
Da mais agigantada e vasta cordilheira.

### III

Lobos, tigres, chacais, camelos, elefantes,  
Hipopótamos, ursos e rinocerontes,  
Leopardos e leões, panteras acirrantes,  
Hienas do furor, membrudos mastodontes,  
Tredas feras do mal, soturnos dromedários,  
Serpentes colossais que rastejais na treva,  
Monstros, monstros cruéis, medonhos, sangüinários,  
Cuja pata esmagante a presa aos antros leva;  
Ó ventrudos judeus, opíparos, obesos,  
De consciência obtusa, ignóbil e caolha  
Que no mundo passais grotescamente tesos  
Com honras de entremez e grandezas de rolha;  
Gafentos histriões, ridículos da moda,  
Que fingis entender Berlim, Londres, Paris,  
Mas nos altos salões, por entre a fina roda,  
Meteis sordidamente o dedo no nariz;

Brasonados truões, inúteis como eunuco,  
Que as pompas ostentais de aurífero nababo  
Mas apenas valeis como um limão sem suco,  
Tendes rabo no corpo e dentro d'alma rabo;  
Nobres de papelão, milionários vândalos  
De ventre confortado e rosto rubicundo,  
Que no torvo cancã, no cancã dos escândalos  
Sois o horrendo espantalho, a ignomínia do mundo;  
Ó deuses do milhão, ó deuses da barriga,  
Que sentindo a agulhada intensa da luxúria  
Buscais a mais em flor e linda rapariga  
Para então vos faltar na luxuriante fúria;  
Gamenhos de *toilette* e convicções de lama  
Onde tudo afinal se atola e se chafurda,  
Que do clube e do *sport* sintetizais a fama  
Mas tendes para o Bem a fibra sempre surda;  
Palhaços, *clowns* senis, hediondos borrachos  
Que aos trambolhões urrais afora no universo,  
Desdenhando de tudo e até rindo dos fachos,  
Do clarão do saber em toda a parte imerso;  
Almas negras, servis, d'ergástulos caóticos,  
Gerado no paul das lúgubres voragens,  
Do crime nos bulhões, nos vícios mais despóticos  
Aos quais tanto rendeis eternas homenagens,  
Manequins, charlatães, devassos do bom-tom,  
Que viveis nas Babéis das grandes capitais  
Apodrecendo sempre infamemente com  
O cancro do dinheiro as forças virginais;  
Mascarados tafuis de gordos ventres de ouro,  
Ó bonzos do deboche e cínicos esgares,  
Que sois o único sol esterlinado e louro  
Das parvas multidões, das multidões alvares;  
Fidalgos de barril, sicofantas, malandros  
Do templo e do bordel, da crápula de harém  
Que ao puro mar do Ideal, com torpes escafandros,  
Arrancais, p'ra vender, a pérola do Bem;  
Ó trânsfugas, ladrões que difamais a terra,  
Que tudo poluís, do próprio lodo à flor,  
À serena humildade, intrepidez da guerra.  
Aos beijos maternais, ao nupcial amor;  
Espíritos de treva, espíritos de barro  
Que enegreceis de horror o sangue das papoulas  
E das ostentações vos aclamais no carro,  
Cobertos de cetins, arminho e lantejoulas;  
Que se vem de repente o Nada sepulcral  
Nunca deixais, sequer, no tétrico leilão,  
No leilão da memória, estranho, universal,  
Nem um som a vibrar do estéril coração!

Dentre feras brutais de ríspidos penhascos  
E a torrente caudal de rijos versos francos  
E a zombaria e o riso e as sátiras e os chascos,  
Nesta *marche aux flambeaux* ides passar, aos trancos!  
Do mundo os naturais, zoológicos museus  
Despejem para fora as pavorosas massas,  
Para virem reunir-se aos tábidos judeus  
Irromper e seguir e desfilar nas praças.  
Que a cada mata, a entranha, o seio virgem se abra  
Jorrando tigres, leões, panteras do seu centro  
E na dança infernal, estrupida, macabra,  
Siga a *marche aux flambeaux* pelo universo a dentro.

Gargalhadas abri a rubra flor sangrenta  
Da humanidade vã na amargurada boca,  
Vai agora passar a marcha truculenta  
Sob o espingardear duma ironia louca.  
E desfila e desfila em becos e vielas  
E torna a desfilar por vielas e por becos,  
Às risadas da turba, estultas e amarelas  
Que têm o áspero som de gonzos perros, secos...  
E desfila e desfila, estrídula e execranda,  
Das praças na amplidão, rugindo em mar desfila,  
Enquanto além dardeja, heróica e formidanda,  
A metralha do sol que rútilo fuzila...  
E mastodontes vão de braço dado a sérios  
Burgueses que já são bem bons comendadores  
E marqueses de truz, com ares de mistérios,  
De lunetas gentis e aspectos sonhadores  
Dão o braço fidalgo e airoso das nobrezas  
Aos ursos boreais, enquanto os conselheiros,  
Os condes, os barões, os duques e as altezas  
Lá vão de braço dado aos lobos carniceiros.  
E nessa singular, atroz promiscuidade,  
Animais e truões de catadura suína,  
Gordalhudos heróis da infâmia e da maldade,  
Vendidos da honradez, velhacos de batina  
Bobos, cães, imbecis, humanos crocodilos  
E déspotas, jograis, todos os miseráveis  
De todas as feições e todos os estilos,  
Uns aos outros lá vão jungidos, formidáveis!...  
Mas a *marche aux flambeaux* derrama um pesadelo,  
A agonia dum tigre, em sonhos, sobre um ventre,  
Agonia mortal que envolve tudo em gelo...  
E desfila e desfila entre sarcasmos e entre  
As sátiras-fuzis, relampejando açoite,  
Por essa imensa aurora, estranhamente imensa  
Por um sol que angustia e que não tem da noite

Para a Miséria a sombra atenuante e densa.

Os vícios, as paixões, os crimes, ódios e erros,  
Na marcha, de roldão, caminham fraternais  
Com bandidos, vilões, burgueses rombos, perros  
E focas e mastins, macacos e chacais.  
Aos sobressaltos vão como visões, fantasmas  
Bichos de toda a casta, anões de chapéu alto,  
Deixando em convulsão todas as almas pasmas  
E o globo num tremendo e fundo sobressalto.  
E nas praças, ao sol, confundem-se os bramidos,  
Os uivos com a expressão humana misturados,  
Através do sussurro e bruscos alaridos  
Das chacotas bestiais, dos risos trovejados.  
E segue e segue e segue, afora, légua a légua  
Essa *marche aux flambeaux*, ciclópica, estupenda  
Caminha atravessando um longo sol sem trégua,  
Um dia secular, um dia de legenda;  
Caminha atravessando um sol de foco aberto,  
Por um dia fatal, interminável, mudo,  
O dia do remorso, aterrador, incerto  
Que em todo o coração crava um punhal agudo.  
Mas eu quero assim mesmo, eu quero-vos assim,  
Em marcha tropical, à crua e ardente luz  
Que vos seja uma febre indômita, sem fim,  
Um cautério de fogo a vos queimar o pus  
Venéreo da Moral, carbonizando-o até  
Para que nunca mais se sinta dele a origem  
Nem volte, como sempre, então, a ser o que é,  
Deixando-vos no mundo inteiramente virgem;  
Eu quero-vos assim, de fochos apagados,  
Apagados, ao alto, os joviais *flambeaux*,  
Que os tereis de acender nos campos ignorados  
Que de sóis de Vingança a Eternidade arou.

E depois de vagar às sátiras de todos,  
Na evidência da luz, numa perpétua aurora;  
De caminhar ao sol, por tremedais, por lodos,  
No tédio do sarcasmo, o tédio que a devora,  
Essa Marcha afinal penetrará aos urros,  
Titânica, sinistra e bêbada, irrisória,  
Num caos de pontapés, coices, vaias e murros,  
Na eterna bacanal ridícula da História.